

O Arquivo histórico é composto por todos os documentos que, pelo seu valor probatório, informativo, histórico e de investigação não devem ser destruídos, sendo pois de conservação permanente ou definitiva para as gerações vindouras. Assim, como o afirmado por Benjamin Franklin, os nossos dias são como estrelas cadentes: mal as vemos enquanto passam; deixam depois que passem um sulco indelével na memória por forma a ter boas memórias do passado.

Como um exemplo excecional de projeto, de construção e inauguração da nova sede do Clube Naval de Peniche, em simbiose com a homenagem ao Almirante Andrade e Silva, será este o momento de tecer os melhores encomiásticos aos esforços que envolveram uma dinâmica de conclusão da nova sede do CNP.

Concomitantemente, imbuído desse espírito mas com algum sentimento de frustração, por não conseguir trazer à colação sócios e amigos do CNP, que guardam na sua memória um conjunto de conhecimentos históricos e, colocando-os numa posição correspondente a um benefício, iriam perdurar através do saber dado pela faculdade de poder lembrar-nos, enquanto memória do passado, por via da escrita com a recolha de uma colectânea histórica.

Dado o momento propício vivido pelo Clube Naval de Peniche transcrevo, para memória futura da história do CNP, um documento da autoria do **Sr. Fernando Engenheiro**, publicado na Voz do Mar de 02/2006, que só foi possível obter devido à persistência de arquivista do Sr. Luís Viola:

“Pelos Caminhos do Passado...”

APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA DO CLUBE NAVAL DE PENICHE

Decorreu no passado dia 28 de Janeiro mais um aniversário do Clube Naval de Peniche.

O Clube Naval de Peniche perfez em 2006 precisamente meio século de existência ao serviço não só dos seus associados, do Desporto, da população de Peniche em geral e, também, da de outras bandas que ao longo dos anos se têm associado a esta colectividade.

Desde a sua fundação tem dedicado especial interesse à prática da Vela, modalidade desportiva que desenvolve nos seus praticantes o espírito de iniciativa e a decisão rápida, tão necessária na vida moderna, pondo em relevo a natural tendência da gente do litoral para as artes náuticas e cultivando o espírito de Boa Camaradagem e de Lealdade entre os seus praticantes, que são de todas as idades.

Ao que parece, a indicação que há sobre a primeira competição realizada no nosso País com barcos à vela é de 1850. Não há dúvida de que, naquela época, entre nós, o interesse por este desporto se ficou devendo ao entusiasmo de vários membros da colónia inglesa que aqui permanecia. Concorreram cinco barcos, armados em caíques, pertencentes a ingleses.

Outros concursos se realizaram depois por amiudadas vezes, já com concorrentes portugueses, sendo seu pioneiro o 2.º Conde de Alcáçovas, com residência de veraneante em Paço de Arcos. Foi um grande entusiasta das festas náuticas, tendo organizado por ali várias regatas.

D. Pedro V, também grande entusiasta, em 1855, dignou-se tomar a seu cargo a protecção dos desportos náuticos e apoiou a fundação de um clube de regatas: a Real Associação Naval (hoje Associação Naval de Lisboa) o mais antigo clube náutico da península ibérica, com estatutos aprovados por Decreto de 30/7/1856, sendo ministro da Marinha, Ultramar e Negócios Estrangeiros o 1.º Visconde de Atouguia, António Aluísio Jervis de Atouguia. A finalidade desta Associação era animar a construção e navegação de iates ou barcos de recreio e promover a realização das “Regatas” em Portugal. Por ironia do destino, não obstante ser-nos tão familiar

o título do referido Ministro, só precisamente um século depois da aprovação daqueles estatutos se fundou o Clube Naval de Peniche.

Pela primeira vez, a 11/9/1955, a convite da Câmara Municipal, realizou-se em Peniche uma demonstração náutica pelos velejadores do Sport Angés e Dáfundo, em barcos da classe “Moth”, pelas 11 horas, na baía de Peniche. Já então se tinha disputado na nossa vizinha Lagoa de Óbidos, organizados por aquele Clube e pelo Clube Náutico Mare Nostrum, os Campeonatos Nacionais de Snipes e de “Moths” (esta, com barcos pequenos, trata-se de classe de origem americana com larga difusão mundial), revelando-se excelente esta pista de vela para barcos destes tipos.

Mas foi com o grande impulso do Dr. Fernando Nolasco da Silva, médico oftalmologista, homem de grandes conhecimentos náuticos e profundamente apaixonado pela arte de marinhagem, que se implantou em Peniche tal actividade desportiva.

O Dr. Fernando Nolasco começou a frequentar Peniche a partir de 1946, quando veio a convite da Casa dos Pescadores de Peniche dirigir o Posto Oftalmológico (Posto Anyi-Tracomatoso) então criado para combater a epidemia de “tracoma” que então assolava Peniche. Cede-se apercebeu das grandes potencialidades que esta terra tinha para a prática de desportos náuticos, quer de vela quer de remo.

A partir de então eram constantes as viagens do seu veleiro a percorrer a nossa costa e a contempla-la, talvez a querer tornar real aquilo que os seus sonhos visionavam.

Prova isso uma entrevista ao Jornal “A Voz do Mar”, publicada a 25/12/1956, em que são suas as palavras que passo a transcrever:

“Ao contemplar o maravilhoso aspecto da baía, circundada além pelo rendilhado fantástico dos rochedos e semeado, ao Sul, de praias de singular beleza, surgiu-me no pensamento a frase indelével e impregnada de tristeza do insigne Chefe do Governo:

“Que pena me faz ver, deserto, este Tejo maravilhoso, sem que nele remem ou velejem, sob um céu incomparável, aos milhares, os filhos deste país marinho...”

Se substituirmos “Tejo por Mar”, aplica-se perfeitamente à região de Peniche”.

Assim começou e concretizou a sua obra, com a colaboração preciosa de seu particular amigo, o Dr. Mário Palma de Almeida Braga, residente que foi na Vila da Lourinhã, um amador inveterado dos desportos náuticos. O Presidente da Câmara de então, António da Conceição Bento, também se pôs incondicionalmente a seu lado, oferecendo a imprescindível ajuda do Município, já que sem ela muito difícil seria tal concretização.

Começaram por elaborar os estatutos da colectividade em embrião, os quais foram submetidos à apreciação do Ministério da Educação Nacional – Direcção-Geral de Educação Física, Desporto e Saúde Escolar, cujo Ministro os aprovou em 25/1/1956. Foram publicados no Diário do Governo, III Série, n.º 24, de 28/1/1956.

Também para a boa orientação do Clube foi elaborado um Regulamento Interno diversos artigos específicos agrupados em oito capítulos. Para se fazer representar em público foi aprovado o respectivo distintivo que consiste numa bandeira rectangular de cor azul com três estrelas do mar, douradas, em tamanho decrescente, no terço médio.

Para vincular a sua posição como colectividade portuguesa onde se praticava a Vela o Clube foi filiado na Federação Portuguesa de Vela, entidade ligada à União Internacional dos Barcos de Regata, com sede em Londres.

Também, com o parecer favorável do Município, foi dado conhecimento da sua existência, logo que criado, ao S.N.I. (Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo) que logo acedeu em dispensar a sua colaboração, por se tratar de um organismo com perspectiva de futuras repercussões, não só para o turismo local, mas para o País em geral.

Cumpridas as formalidades é constituída uma comissão organizadora para os eventos que se pretendiam constituída por: António da Conceição Bento, Dr. Fernando Pires, Dr. Fernando Nolasco, Luís G. F. Correia Peixoto, João Maria da Conceição (Presidente da Comissão Municipal de Turismo), Dr. Mário Braga e Dr. Renato Pereira Fortes.

A referida Comissão, a 25/2/1956, convoca a reunião de Assembleia Geral Extraordinária, num salão cedido pelo Grémio do Comércio, na rua Primeiro de Dezembro.

Começaram por lançar uma campanha de angariação de sócios. Pouco tempo depois já estavam inscritos 100 associados, com cotas mensais dos fundadores e efectivos de 10\$00, dos externos 5\$00 e dos menores 2\$50. As jóias eram para adultos de 25\$00 e para os menores de 10\$00.

Eram considerados sócios benfeitores todos aqueles que fizessem um donativo igual ou superior a 1.000\$00, ficando isentos do pagamento de jóia e quotas. Os sócios gozavam como regalias: a utilização do futuro espaço do Clube e suas dependências (o sócio, esposa e filhos menores), tomar parte nas festas, provas náuticas e regatas, aluguer e aquisição de barcos com facilidades de pagamento. A secretaria, nos primeiros tempos do Clube a cargo de Carlos Manuel Carneiro Costa e Sá, então funcionário municipal, funcionava numa dependência do edifício dos Paços do Concelho.

Logo no ano da sua fundação, com a colaboração da Federação Portuguesa de Vela, do S.N.I. e da Câmara Municipal, o Clube Naval de Peniche organizou na baía sul da nossa península o II Campeonato da Europa da Classe “Moth”, que decorreu nos dias 25 a 29 de Julho. Neste último dia, o Campeonato encerrou com baile e distribuição de prémios no Clube Recreativo Penichense. Abrilhou o baile o conjunto Dó-Ré-Mi.

Tudo corria bem, o Clube Naval estava no bom caminho. O valor e o prestígio do principal impulsionador da sua fundação, o Dr. Fernando Nolasco, foram postos em realce com a sua eleição para vogal da Federação Portuguesa de Vela, em Abril de 1958. Já o seu saber e o entusiasmo que dedicava ao desporto náutico o haviam levado à presidência da Associação Portuguesa da Classe Internacional Moth, pouco tempo antes. Tudo isto dava àquela colectividade uma grande segurança e prestígio.

Tempos depois, mais propriamente a 21/8/1960, o Clube assumiu a organização de um Grande Concurso Internacional de Pesca Desportiva de Mar em Peniche.

As suas actividades foram crescendo, agora com a criação de uma escola de vela, a cargo e com a orientação dos sócios João Marques Petinga Avelar e Joviano Tristão Chaves Fidalgo. Esta só foi possível com a oferta pela Federação Portuguesa de Vela de uma embarcação da classe “Snipe”, para barco escola, e de quatro embarcações proporcionadas pela Associação Naval de Lisboa para o ensino de vela.

Continuou, também, a vasta colaboração que o Município sempre deu a este Clube. Havia necessidade de um espaço para armazenar com segurança os barcos depois da sua actuação. Foram usadas inicialmente para o efeito umas antigas ruínas militares existentes no Porto da Areia do Sul, mas estas não ofereciam as mínimas condições. A Câmara Municipal, tendo em atenção um projecto que então existia para a construção de uma ponte sobre a praia do Porto

de Areia (integrada no primitivo projecto da Estrada Marginal Sul), escolheu um local junto de um futuro pilar e ali implantou um armazém desmontável todo revestido de zinco.

Mais tarde, depois da terraplanagem feita na Prageira entre a ponte velha e a ponte das comportas, com a limpeza do fosso e a colocação de uma nova comporta de guilhotina, foi o armazém removido para aquela zona. Para dar apoio aos visitantes, junto do armazém foi também instalada uma pequena casa em madeira, que havia servido de Posto de Turismo junto do portão de Peniche de Cima, na entrada da vila.

Entretanto o Clube Naval de Peniche havia desenvolvido outras actividades, nomeadamente, a pesca desportiva, o campismo e o hóquei em patins. Por longo tempo o espaço que ocupava junto do fosso, dotado de um bar para apoio dos sócios, foi frequentado pelos praticantes das diversas modalidades praticadas pelo Clube. Era alimentada a ideia de ali fazer uma remodelação de modo a que a sede ali se fixasse, já com o nome esboçado de “CLUBE NAVAL DE PENICHE – POSTO NÁUTICO “ANTÓNIO BENTO”, o que não se concretizou.

Para sede social foi, depois, utilizado rés-do-chão de um prédio sito na Rua Latino Coelho, cedido a título de arrendamento pelo seu proprietário, António Delgado Miranda, sendo as reuniões de maior frequência realizadas na sede do Grémio do Comércio de Peniche, na rua Primeiro de Dezembro.

Depois de longos anos com condições reduzidas para o bom desenvolvimento da sua actividade desportiva, foi possível ao Clube em 1989, após a inauguração do novo porto de pesca, utilizar o edifício onde havia funcionado a antiga Lota do Pescado, na Ribeira. A sua cedência foi aprovada em reunião camarária de 16/5/1989.

Estas instalações deram maior ânimo ao Clube para o desenvolvimento da sua Escola de Vela, uma das actividades de que a Direcção mais se orgulha e se esforça por manter por ser nela que se irão forjar os homens e mulheres de amanhã, entusiastas da vela e dos desportos náuticos, quiçá futuros campeões.

O Clube mantém acordos com os diversos estabelecimentos de ensino do concelho visando interessar os jovens pelos desportos náuticos proporcionando-lhes contacto directo, muitas vezes pela primeira vez, com a vela e com o mar.

O Clube Naval de Peniche é, por todas estas razões, uma presença viva em Peniche que saudamos e aplaudimos na medida em que a sua existência e actividade constituem salutar instrumento ao serviço da juventude.”

Após estas recordações de um passado recente, vai finalmente o Clube Naval de Peniche, aproveitando o ensejo para homenagear ao Almirante Andrade e Silva, inaugurar em 01/06/2014 o seu edifício sede, onde irá conglomerar toda a atividade ligada ao desenvolvimento das suas várias modalidades, serviços administrativos, biblioteca, espaços para exposições, formação, bem como um bar enquanto espaço para convívio e outros que permitirão, futuramente, uma panóplia de eventos.

J.B.

27/05/2014